

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2010/2011

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011      ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso, Maria da Conceição André e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

## **A OCUPAÇÃO CALCOLÍTICA DO CASTELO DE OURÉM: CONTEXTOS, CULTURA MATERIAL, ZOOARQUEOLOGIA, CRONOLOGIA ABSOLUTA E INTEGRAÇÃO REGIONAL**

António Faustino Carvalho\*, Ana Nunes\*\*, Cassandra Gonçalves\*\* & Jaqueline Pereira\*\*\*

No âmbito do projecto “Ocupações no morro do Castelo de Ourém: da Proto-História à Idade Moderna”<sup>1</sup>, a autarquia local tem promovido a realização de trabalhos arqueológicos no interior daquela fortificação. A descoberta de cerâmica pré-histórica durante a campanha de 2005 havia já permitido reconhecer que o local fora ocupado em períodos mais recuados. A campanha de escavações que decorreu entre 19 de Agosto e 19 de Setembro de 2008, no entanto, revelou não só um *corpus* mais abundante de artefactos pré-históricos, como também um importante conjunto faunístico e duas estruturas negativas, de tipo fossa, atribuíveis a essa época. Efectivamente, apesar de os únicos contextos preservados se resumirem ao conteúdo daquelas estruturas e os materiais associados serem numericamente reduzidos, todo o conjunto é, porém, significativo para o conhecimento de uma realidade ainda muito mal documentada na Alta Estremadura, o Calcolítico. Deste modo, os objectivos do presente texto resumem-se, principalmente, a dois:

1. descrição da cultura material calcolítica e sua integração no contexto regional da época, exercício para o qual se conta com uma datação absoluta entretanto realizada; e
2. análise dos respectivos restos faunísticos e a sua comparação com os dados zooarqueológicos actualmente disponíveis para o centro e sul de Portugal.

### **1 - TRABALHOS REALIZADOS, ESTRATIGRAFIA E CONTEXTOS CALCOLÍTICOS**

O Castelo de Ourém (freguesia de Nossa Senhora das Misericórdias) foi construído na Idade Média, em data ainda incerta, no topo de um morro a uma cota de 332 metros, que se ergue sobranceiro ao vale da Ribeira de Seiça, na margem oposta à da cidade de Ourém (Fig. 1). Integra-se numa área de substrato geológico calcário, a Bacia Cretácica de Ourém, que se desenvolve no rebordo nordeste do Maciço Calcário Estremenho. Devido ao seu posicionamento geográfico particular, que permite o atravessamento do maciço, é um ponto de convergência de antigas vias, de que é exemplo a via romana que ligava *Scalabis* a *Conimbriga*. Esta característica e a sua

---

\* Universidade do Algarve, F. C. H. S., Campus de Gambelas, 8000-117 Faro (Autor para correspondência: afcarva@ualg.pt).

\*\* Mestrado de Teoria e Métodos da Arqueologia, Universidade do Algarve, Campus de Gambelas, 8000-117 Faro.

\*\*\* Responsável pelo projecto “Ocupações no morro do Castelo de Ourém: da Proto-História à Idade Moderna”.

<sup>1</sup> O projecto é dirigido por um dos signatários (J. P.) e conta, como coordenadores científicos, com João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve) e Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra).



Fig. 1 – Localização do castelo de Ourém na Carta Militar de Portugal, escala 1:25.000 (Folha 309).

posição de charneira entre regiões geográficas distintas será importante também para o entendimento da realidade calcolítica, como se verá nas conclusões.

Os trabalhos arqueológicos que têm vindo a ser realizados têm como objectivos principais o conhecimento do sistema de implantação das estruturas defensivas e da cisterna, assim como a determinação das respectivas cronologias. Metodologicamente, a intervenção tem tido lugar na área compreendida entre as paredes oeste e este, sendo levada a cabo através da escavação de quadrículas de 2 metros de lado, e da recuperação e registo das unidades estratigráficas de acordo com o “método Barker / Harris”.

Da complexa sequência estratigráfica reconhecida até ao momento, importa, para efeitos do presente estudo, atentar às seguintes unidades estratigráficas calcolíticas, consideradas *in situ* (Fig. 2):

- UE [30]: trata-se do preenchimento de uma estrutura negativa de tipo fossa (UE [33]) localizada nas quadrículas B-C/10, a oeste da cisterna, com uma área de 40 × 30 cm ao nível do topo (Fig. 3). Além de restos faunísticos e escassos artefactos, apresentava também uma grande concentração de cinzas (Fig. 4).
- UE [32]: à semelhança da unidade anterior, trata-se do preenchimento de uma fossa (UE [31]), de configuração circular, com 35 cm de diâmetro, revelando igualmente restos faunísticos e artefactos de época calcolítica.

Ambas as estruturas negativas foram abertas na designada UE [15], subjacente, formada por clastos calcários embalados em argilas castanho-avermelhadas, muito plásticas, que continham também materiais calcolíticos (intrusivos?). As unidades estratigráficas sobrejacentes, por seu lado, encontram-se muito perturbadas, o que



resultou na mistura de materiais arqueológicos correspondentes a diversos períodos de ocupação do morro (calcolíticos, proto-históricos, medievais, modernos e contemporâneos). Estas afectações deverão com toda a certeza a terraplanagens relacionadas com a edificação do castelo e trabalhos de reedificação do mesmo (provavelmente no século XV e depois, já mais recentemente, sob a responsabilidade da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais). Outro factor de afectação dos estratos foi também o amanho das terras do interior do castelo, prática que está documentada pelo menos até aos anos 30 do século XX, tal como ilustrado pela fotografia reproduzida na Fig. 4.

Do conjunto daqueles níveis revolvidos, vários contêm materiais cerâmicos passíveis de atribuição a este período por tipologia comparada. Por extensão, parte dos artefactos líticos e dos restos faunísticos recolhidos nas mesmas camadas datará também da mesma época, pelo que serão objecto de análise adiante.

## 2 - COMPONENTES ARTEFACTUAIS

A soma dos fragmentos cerâmicos provenientes dos contextos *in situ* – isto é, as duas fossas acima descritas – com os fragmentos provenientes dos níveis remexidos totaliza apenas 44 exemplares seguramente atribuíveis ao Calcolítico. Com efeito, a mistura com ocupações proto-históricas, caracterizadas também por produções manuais, foi um factor que impediu apartar com segurança os materiais não decorados pertencentes a um e outro período. Por consequência, o número mínimo de recipientes (NMR) é também reduzido, atingindo apenas 10 exemplares (oito lisos e dois decorados), contabilizados a partir dos fragmentos com bordo não associáveis entre si, dos quais apenas os dois decorados permitiram reconstituição gráfica parcial (Fig. 5).

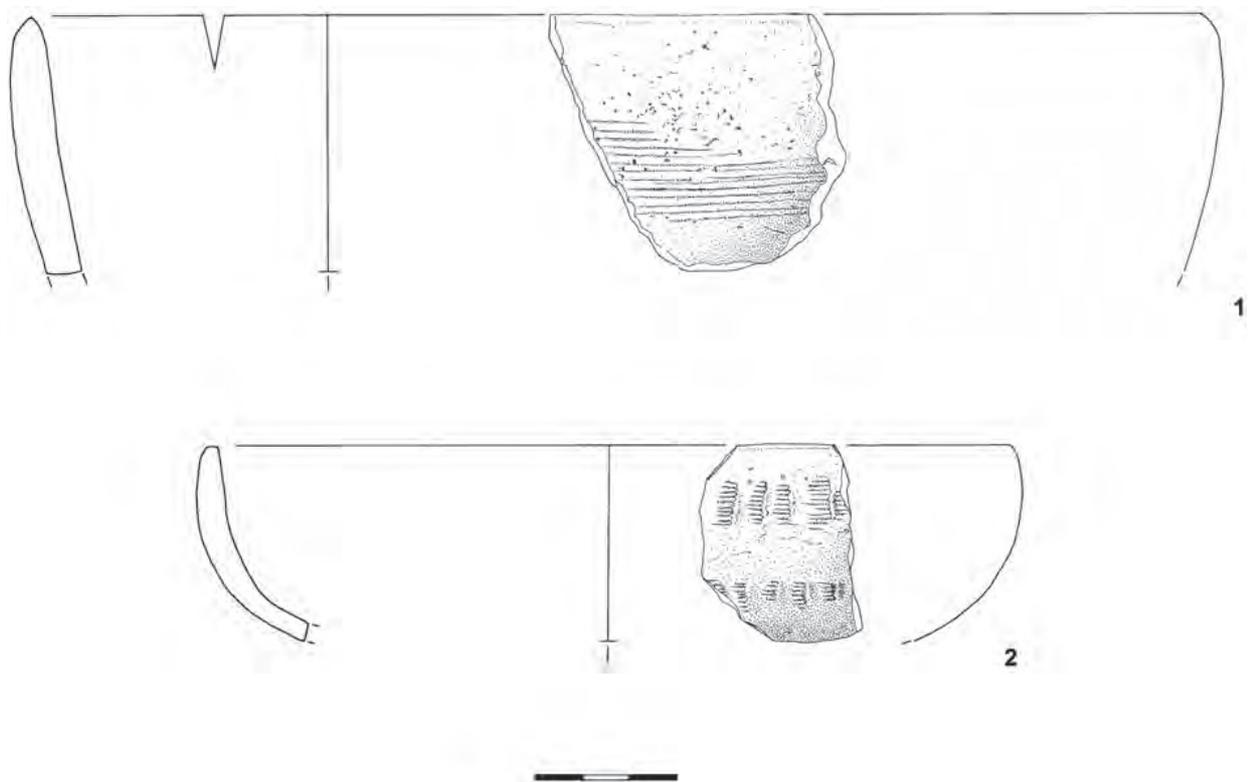


Fig. 5 – Cerâmica calcolítica (escala em cm). Desenhos de M. F. Sousa.

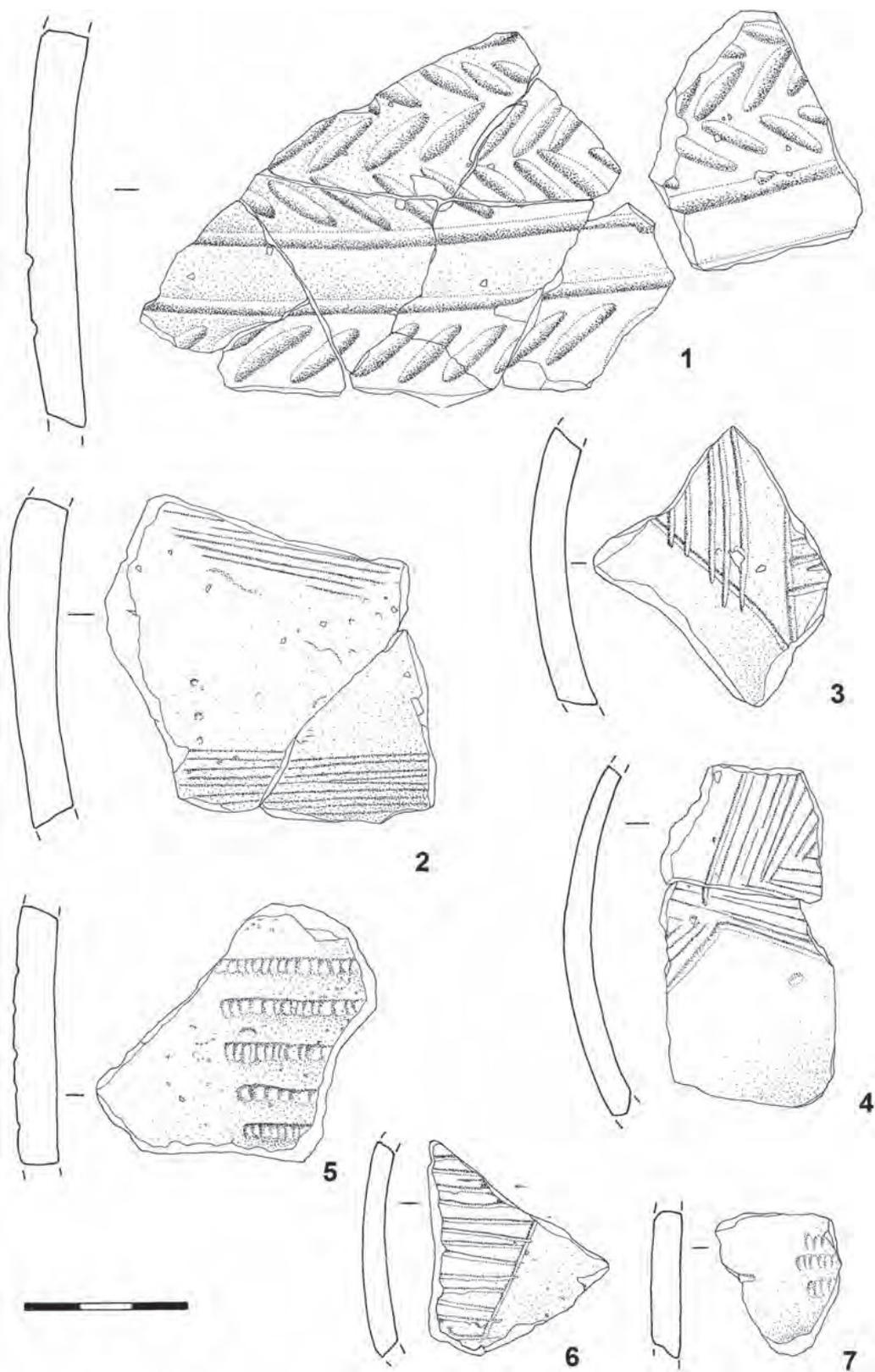


Fig. 6 - Cerâmica calcolítica (escala em cm). Desenhos de M. F. Sousa.

A análise macroscópica revelou pastas de consistência predominantemente compacta (95%), de texturas homogêneas (75%), raramente vacuolares (21%), com desengordurantes calcários frequentemente combinados com quartzos, feldspatos e micas. Os acabamentos de superfície, quando não afectados por rolamento, apresentam-se sobretudo polidos (45%) ou alisados (16%). As cozeduras são maioritariamente oxidantes (66%) ou redutoras (27%), sendo muito raras as cozeduras combinadas.

A inventariação das técnicas e motivos decorativos resulta num quadro muito diversificado onde predominam os fragmentos decorados com penteados incisivos (n=13; 36%) ou com “folha de acácia”, por vezes associada a linhas incisivas (n=11; 30%). Estes tipos constituem-se como os mais representativos do conjunto cerâmico calcolítico do Castelo de Ourém, estando ilustrados, a título de exemplo, os primeiros no n.º 1 da Fig. 5 e n.º 2 da Fig. 6, e os últimos no n.º 1 da Fig. 6. Em segundo plano, surgem ainda as decorações obtidas através de traços ou linhas obtidas por incisão (n=8; 21%) (Fig. 6, n.º 3, 4 e 6) e, com percentagens ainda inferiores, as impressões arrastadas (n=2; 6%) (Fig. 5, n.º 1; Fig. 6, n.º 7), as impressões a pente (Fig. 6, n.º 5) e os puncionamentos, com um exemplar cada (3%).

Não foram até ao momento descobertos quaisquer instrumentos em pedra polida no Castelo de Ourém. A pedra lascada, por seu lado, está representada por um conjunto de 107 artefactos, incluindo percutores e bigornas, que se encontram listados no Quadro 1. É possível que algumas destas peças tenham sido depositadas no contexto das ocupações proto-históricas documentadas nos níveis remexidos. Com efeito, os únicos materiais atribuíveis ao Calcolítico com base na sua proveniência estratigráfica são os provenientes da UE [30], os quais formam um conjunto incaracterístico composto por quatro lascas de sílex, e cinco lascas, um fragmento informe e dois núcleos prismáticos sobre seixo, em quartzito. De um modo geral, porém, o conjunto lítico insere-se nos padrões gerais reconhecidos para a Pré-História recente da Estremadura: utilização predominante do sílex e quartzito para produção de uma indústria sobre lascas, com utensílios formais simples. As excepções, neste caso, são as três pontas de seta de bases planas (quando estas se conservam).

Há ainda a registar a existência de 18 termoclastos de seixos – 16 em quartzito e os restantes em granito e quartzo – que testemunham a existência de estruturas de combustão, entretanto desmanteladas, de cronologia incerta.

**Quadro 1** – Castelo de Ourém: indústria lítica

	Sílex	Quartzito	Quartzo	Xisto	Total
Núcleos informes	1				1
Núcleos prismáticos		2			2
Fragmentos de núcleo	1				1
Lâminas	2	1			3
Lâminas de crista	1				1
Lascas corticais	3	11	4		18
Lascas parcialmente corticais	1	5			6
Lascas não corticais	25	11	3	3	42
Esquírolas	1	1	1		3
Fragmentos de talhe	6	1			7
Lascas retocadas	3				3
Lascas com entalhes	2	2			4
Peças esquíroladas	1	1			2
Furadores sobre lâmina	1	1			2
Pontas de seta	3				3
Percutores		3 <sup>(a)</sup>			3
Bigornas		1			1
Seixos		2	1	2	5
<b>Total</b>	<b>51</b>	<b>42</b>	<b>9</b>	<b>5</b>	<b>107</b>

<sup>(a)</sup> Um dos quais apenas representado por uma lasca de frente de percutor.

### 3 – RESTOS FAUNÍSTICOS

Por uma questão de rigor, os restos faunísticos foram estudados em função dos seus contextos de proveniência, separando-se o material recuperado nas duas fossas (inequivocamente calcolítico), do material recolhido nos níveis com revolvimentos (misturado com restos de épocas mais recentes).

Assim, as UEs [30] e [32] revelaram um total de 278 restos, dos quais 47 (17%) são determináveis taxonomicamente. De acordo com a listagem de *taxa*, constante do Quadro 2, verifica-se o predomínio dos restos de suínos, com 43% dos restos, seguido do coelho e dos ovinos e/ou caprinos, com 32% e 15%, respectivamente. Os bovídeos e cervídeos apresentam valores ainda mais reduzidos. Em todo este conjunto faunístico, registam-se 42 restos carbonizados, dois com marcas de corte, três com puncturas e cinco com roeduras. Aos mamíferos acrescenta-se ainda um resto de ave pequena, indeterminada, e um fragmento de concha, provavelmente de amêijoia. Não foi possível efectuar cálculos para a obtenção do NMI devido à pequenez da colecção (o que inviabilizou também a distinção entre espécies domésticas e selvagens, no caso dos suídeos e bovídeos), mas é possível concluir que existem pelo menos dois indivíduos no grupo dos suínos, uma vez que se recuperaram dois 3.º metatarsos esquerdos, um de um animal jovem, outro de um animal adulto.

Nos contextos de revolvimento, o número total de restos é de 181, dos quais 23 (13%) permitiram a determinação taxonómica dos mesmos (Quadro 2), o que significa não só um conjunto mais reduzido que o proveniente das estruturas calcolíticas em termos absolutos, como também um índice menor de conservação dos restos. Ainda assim, os suídeos continuam a ser o grupo mais abundante, com 35% dos restos. Porém, aqui surgem os restos de veado em segundo plano (22%), seguidos depois pelo coelho e pelos bovídeos, com 18% do total cada. Nestas unidades estratigráficas há 19 restos carbonizados, um com marcas de corte e três com roeduras. À semelhança do material das fossas, também não foi possível efectuar o cálculo do NMI, sendo no entanto possível afirmar que existirão igualmente dois indivíduos no grupo dos suídeos porque há dois 3.º metacarpos esquerdos pertencentes a indivíduos com idades distintas.

**Quadro 2** – Castelo de Ourém: restos faunísticos.

	Níveis calcolíticos <i>in situ</i>		Níveis de remeximento	
	N	%	N	%
<i>Sus</i> sp.	20	43	8	35
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	15	32	4	18
<i>Ovis / Capra</i>	7	15	–	–
<i>Bos</i> sp.	1	2	4	18
<i>Cervus elaphus</i>	1	2	5	22
cf. <i>Capreolus</i>	1	2	–	–
Cervídeo indeterminado	–	–	1	4
<i>Canis</i> sp.	–	–	1	4
Ave pequena	1	2	–	–
cf. <i>Venerupidae</i>	1	2	–	–
	<b>47</b>	<b>100</b>	<b>23</b>	<b>100</b>

A maioria dos restos identificáveis, tanto num como noutro conjunto, referem-se na sua maioria a partes do esqueleto apendicular, nomeadamente a membros anteriores e posteriores distais (metacarpos, metatarsos e falanges). Já no que diz respeito ao esqueleto axial e membros apendiculares anteriores e posteriores proximais, não se exumaram muitos restos identificáveis, pois estes encontram-se bastante fragmentados. Perante este padrão, pode concluir-se que as carcaças passaram por dois tipos de processamento: as partes axiais e os membros anteriores e posteriores proximais seriam utilizados para “ensopados” (o que explicará a sua elevada fragmentação);

os membros apendiculares distais teriam tido, por seu lado, outro tipo de utilização, pois encontram-se na sua maioria inteiros e com modificações menos acentuadas.

No cômputo geral, a comparação entre os dois conjuntos revela sempre o predomínio dos suídeos. Porém, a inexistência de ovelhas e/ou cabras entre os restos provenientes dos níveis de revolvimento, que contêm materiais medievais e posteriores, a par da relevância que os cervídeos aqui detêm, são factos que poderão estar a reflectir o papel da caça entre as elites que viveriam no castelo de Ourém nestes períodos históricos. Deste modo, é inviável a utilização da informação faunística proporcionada por estes níveis para o conhecimento da exploração animal durante o Calcolítico local.

#### 4 - CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA CULTURA MATERIAL E DAS ESTRATÉGIAS DE EXPLORAÇÃO ANIMAL NO CALCOLÍTICO PLENO DA ALTA ESTREMADURA

Apesar das limitações evidentes nos apartados anteriores quanto à sua exiguidade, os dados provenientes da escavação e estudo dos contextos calcolíticos do Castelo de Ourém configuram-se como pequenas contribuições, ainda assim interessantes, para o conhecimento de dois aspectos, à primeira vista distintos, da fase plena do Calcolítico estremenho:

1. a identificação de diversas esferas de influência cultural neste “grupo calcolítico” a partir de regiões contíguas, tal como patentes na estilística das respectivas produções cerâmicas; e
2. o reconhecimento da existência de diferentes estratégias de exploração animal no Calcolítico da Estremadura. No sentido desta questão, apresentam-se neste texto, para efeitos comparativos, os dados faunísticos preliminares do povoado da Columbeira, no Bombarral (SCHUBART *et al.*, 1969; GONÇALVES, 1994), actualmente em curso de obtenção e estudo (NUNES, s.d.).

Além dos estudos artefactuais e zooarqueológicos apresentados acima, conta-se também com duas datações de radiocarbono obtidas a partir de restos faunísticos, inéditas<sup>2</sup>, que permitem balizar no tempo as ocupações calcolíticas do Castelo de Ourém e da Columbeira (Quadro 3<sup>3</sup>).

**Quadro 3** – Datações de radiocarbono

Proveniência	Amostra	Ref. <sup>a</sup> do Laboratório	Datação BP	Cal BC <sup>(*)</sup>	
				1 <i>sigma</i>	2 <i>sigma</i>
Castelo de Ourém (UE [32])	<i>Sus</i> sp.	Wk-27463	3859 ± 30	2456-2235	2462-2208
Columbeira (c. 3)	<i>Equus</i> sp.	Wk-27464	3950 ± 30	2562-2351	2568-2344

(\*) Calibração segundo o programa OxCal (*Version 4.1*) fazendo uso da curva IntCal09.

No que respeita ao primeiro aspecto acima referido, as sínteses sobre o Calcolítico Estremenho centram-se usualmente na “Península de Lisboa”, onde o esforço da investigação tem sido tradicionalmente maior e, por essa razão, se encontram os sítios mais emblemáticos. Esta assimetria da investigação encontra-se bem ilustrada, por exemplo, através dos diversos mapas de distribuição de sítios calcolíticos publicados, onde um largo vazio se

<sup>2</sup> Ambas foram custeadas pelo projecto de investigação “The last hunter-gatherers and the first farming communities in the south of the Iberian Peninsula and north of Morocco”, codirigido por Juan F. Gibaja e um dos signatários (A .F. C.) em 2008-2010, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (projecto PTDC/HAH/64548/2006).

<sup>3</sup> Como se pode verificar, a datação da camada 3 da Columbeira, ligeiramente mais antiga que a do Castelo de Ourém, aponta para um momento inicial do Calcolítico Pleno da Estremadura, parecendo assim confirmar-se a proposta de J. L. M. Gonçalves (1994) segundo a qual se estará perante uma “primeira fase do Calcolítico Médio estremenho”.

distribui entre aquela “península” e o baixo vale do Mondego (quando este é, aliás, representado). Note-se que, para além destas assimetrias na investigação, outra possibilidade a levar em linha de conta será a eventual rarefacção do povoamento calcolítico na Alta Estremadura. Por exemplo, a escavação da longa estratigrafia do Abrigo da Pena d’Água, no Maciço Calcário Estremenho, não revelou qualquer ocupação deste período, facto que, conjugado com a inexistência de sítios calcolíticos pré-campaniformes na região (ARAÚJO & ZILHÃO, 1991), suscitou a conclusão segundo a qual a exploração agro-pastoril do maciço teria então cessado (CARVALHO, 1998).

Seja como for, a estilística da decoração cerâmica do Castelo de Ourém encontra os seus melhores paralelos estremenhos no Calcólítico pleno, fase que se encontra bem datada na camada 2 de Leceia (Oeiras) de entre 2600 e 2300 cal BC (CARDOSO, 2004), cronologia compatível com a obtida para esta colecção (Quadro 1). Os elementos que sustentam este paralelismo são, sobretudo, a decoração em “folha de acácia” (Fig. 6, n.º 1), autêntico fóssil director desta fase, e os penteados incisivos (Fig. 5, n.º 1; Fig. 6, n.º 2), presentes em Leceia unicamente na camada 2. Porém, estando também representados noutros sítios estremenhos, a análise da distribuição dos penteados incisivos realizada por J. L. Cardoso indica que a sua presença se rarefaz para sul da região, onde são vestigiais (em Leceia contabilizam-se apenas nove exemplares), concluindo o autor que “tal situação evidencia as nítidas afinidades setentrionais destas produções cerâmicas, características do Calcólítico do Norte de Portugal” (CARDOSO, 2006, p. 37).

E, de facto, em recente síntese sobre o Calcólítico da Beira Litoral, portanto imediatamente a norte do território onde se integra o Castelo de Ourém, foi possível concluir que os materiais cerâmicos conhecidos naquela região, “[...] pautados por assinalável variabilidade estilística, revelam, também a este nível, a posição charneira do centro da Beira Litoral, onde se conjugam influências setentrionais – cerâmicas «tipo Penha» e penteadas – com outras características da Estremadura – copos canelados e «folha de acácia»” (VILAÇA & CUNHA-RIBEIRO, 2008, p. 31). Contudo, o território imediato do Castelo de Ourém, virado para a região ribatejana, parece apresentar um quadro ainda mais complexo no que à estilística da decoração diz respeito. Se no alto vale do Nabão, junto à Serra de Sicó (concelho de Ansião), os autores acima citados referem um panorama geral semelhante ao de Ourém (cerâmica de “folha de acácia”, “crucíferas”, punctionamentos simples ou arrastados, e penteados), no baixo Nabão (concelho de Tomar) manifestam-se já tipos cerâmicos característicos do Calcólítico da Estremadura e do Sudoeste (copos canelados e pratos de bordo almendrado), em sítios tais como Maxial (CRUZ, 1997) e Santa Cita (BICHO & FERRING, 2001, e dados inéditos). Esta última área regional é entendível, portanto, no quadro comparativo já por diversas ensaiado entre aquelas duas regiões (ver, por exemplo, SILVA *et al.*, 1995).

Do mesmo modo em que se assinalam nítidas diferenciações, em termos de culturas materiais, entre estas grandes regiões do centro e sul de Portugal, tem sido sugerido recentemente existirem também diferentes modos de exploração dos recursos animais entre ambas no decurso do Calcólítico. Efectivamente, as análises zooarqueológicas levadas a cabo por M. García-Moreno e S. Davis (2007, p. 65-67) têm demonstrado as seguintes tendências: 1) os ovinos e caprinos são ligeiramente predominantes na Estremadura, onde seriam utilizados para aproveitamento dos seus produtos secundários; 2) os suídeos, por norma domésticos, são notoriamente mais abundantes nos sítios alentejanos, sendo aproveitados para carne e, portanto, abatidos em idade juvenil ou quando adultos jovens; 3) os bovinos seriam utilizados como força de tracção, a julgar pelas modificações observáveis nalguns metatarsos analisados; e, finalmente, 4) denota-se uma percentagem mais elevada de espécies caçadas (cavalo e veado) no Alentejo. De acordo com estes autores, esta diferenciação dever-se-á a factores ecológico-geográficos – “[...] na Estremadura poderiam existir melhores zonas de pasto, mais propícias ao desenvolvimento de actividades pastoris com rebanhos de ovicaprinos” (MORENO-GARCÍA & VALERA, 2007, p. 147) – havendo portanto, subjacente a esta conclusão, um determinismo geográfico que terá actuado sobre as estratégias de exploração animal levadas a cabo por estas comunidades.

Para contextualizar os resultados obtidos na análise dos restos faunísticos do Castelo de Ourém (Quadro 2), decidiu-se completar o quadro de frequências de espécies elaborado por aqueles autores (DAVIS & MORENO-GARCÍA, 2007, *table 8*), que inclui os dados de Leceia, Zambujal, Penedo do Lexim, Porto Torrão e Mercador, com os quantitativos disponíveis para o Monte da Tumba (ANTUNES, 1987), Columbeira (NUNES, s.d.) e, claro, Castelo de Ourém, o que resultou no Quadro 4. Como se pode verificar através da sua leitura, a hipótese levantada pelos autores que se têm vindo a citar é plenamente corroborada com estes novos elementos: os ovinos e caprinos predominam sobre os suídeos na Estremadura, ou têm valores próximos entre si. Porém, no Castelo de Ourém, o panorama é exactamente o inverso: os suídeos – que se pode presumir serem domésticos, dado o observado nos restantes sítios – predominam sobre os ovinos e caprinos com uma diferença de 28%, tendência que se enquadra portanto no “padrão alentejano”. Mesmo o caso da c. 3 da Columbeira, em que os suídeos também são predominantes, a diferença, inferior a 13%, não é portanto tão acentuada.

**Quadro 4** – Exploração animal no Calcolítico da Estremadura (em cima) e do Alentejo (em baixo): dados comparativos (em percentagens) e indicação dos contextos onde predominam suídeos (a cinza).

	<b>Cavalo</b>	<b>Veado</b>	<b>Bovinos</b>	<b>Ovinos / Caprinos</b>	<b>Suídeos</b>
Leceia (c. 2)	< 1,0	1,1	19,4	47,6	31,9
Leceia (c. 3)	< 0,1	0,7	22,7	41,8	34,7
Zambujal (Calcolítico Pleno)	< 0,1	3,4	24,8	35,9	35,2
Zambujal (Calcolítico Final)	< 0,1	3,9	22,2	35,6	37,5
Penedo do Lexim	–	1,7	24,6	39,3	34,2
Penedo do Lexim (novas escavações)	< 0,1	< 0,1	2,6	47,7	48,7
Columbeira (c. 2)	2,3	16,7	16,7	32,8	26,8
Columbeira (c. 3)	5,4	12,5	3,6	30,3	42,8
Castelo de Ourém	-	2,1	2,1	14,9	42,5
Mercador	3,7	9,3	8,7	18,3	60,0
Porto Torrão (pré-campaniforme)	1,4	2,1	28,0	17,0	42,0
Porto Torrão (campaniforme)	4,0	23,0	18,0	18,3	33,0
Monte da Tumba (fase Ib)	0,5	6,6	5,6	31,2	42,0
Monte da Tumba (fase II)	1,2	11,1	9,8	18,5	40,7

Apesar de se tratar de um conjunto faunístico muito pequeno, proveniente de contextos que podem ter tido funções muito específicas, que não reflectirão necessariamente o comportamento económico geral do grupo calcolítico que estacionou no Castelo de Ourém, sublinhe-se que a conjugação da estilística cerâmica, dos padrões observados nos restos faunísticos, e a localização do sítio em área geográfica de charneira entre regiões ecologicamente distintas, são factores que reforçam a hipótese de se estar efectivamente perante uma realidade cultural calcolítica própria, ainda muito mal documentada e pior definida, na metade setentrional da região entre Tejo e Mondego.

## AGRADECIMENTOS

Os autores desejam deixar expressos os seus agradecimentos a João Pedro Bernardes, por ter promovido a ideia da colaboração de que resultou o presente texto e por ter auxiliado na identificação dos materiais cerâmicos proto-históricos, a Maria João Valente, pela revisão das análises zooarqueológicas apresentadas, e a João Luís Cardoso, pela publicação deste trabalho no presente volume dos Estudos Arqueológicos de Oeiras, de que é coordenador e responsável científico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, M. Telles (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. IV - Mamíferos (nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*. VIII, p. 103-144.
- ARAÚJO, A. C. & ZILHÃO, J. (1991) – *Arqueologia do Parque Natural das Serras de Aire e dos Candeeiros*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (Coleção Estudos, 8).
- ARNAUD, J. M. (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 41-60.
- BICHO, N. F. & FERRING, C.R. (2001) – O sítio arqueológico de Santa Cita, Tomar: as intervenções arqueológicas de 1990 a 1997. In: CRUZ, A.R. & OOSTERBEEK, L., coord. – *Territórios, mobilidade e povoamento no Alto Ribatejo: Santa Cita e o Quaternário da região*. Tomar: Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, p. 71-88 (Arkeos, 11).
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de História regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).
- CARDOSO, J. L. (2006) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.
- CARDOSO, J. L. & DETRY, C. (2001/02) – Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 131-182.
- CARVALHO, A. F. (1998) – Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992-1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1 (2), p. 39-72.
- CRUZ, A. R. (1997) – *Vale do Nabão: do Neolítico à Idade do Bronze*. Tomar: Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo (Arkeos, 3).
- DAVIS, S. J. M. & MORENO-GARCÍA, M. (2007) – Of metapodials, measurements and music: eight years of miscellaneous zooarchaeological discoveries at the IPA, Lisbon. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 25, p. 9-165.
- GONÇALVES, J. L. M. (1994) – Castro da Columbeira: uma 1ª fase do Calcolítico médio estremenho? *Al-Madan*. Almada. II Série. 3, p. 5-7.
- MORENO-GARCÍA, M. & VALERA, A. C. (2007) – Os restos faunísticos de vertebrados do sítio do Mercador (Mourão). *III Encontro de Arqueologia do Sudoeste*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel, p. 139-152 (Vipasca, 2.ª Série; 2) [edição em CD-ROM].
- NUNES, A. (s.d.) – *A arqueozoologia do povoado calcolítico da Columbeira (Bombarral): contribuição para o estudo da “revolução dos produtos secundários”*. Faro: Universidade do Algarve (tese de mestrado em preparação).
- SCHUBART, H. & FERREIRA, O. da Veiga & MONTEIRO, J. A. (1969) – A fortificação eneolítica da Columbeira, Bombarral. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III. 3, p. 17-35.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. & CARDOSO, J. L. (1995) – Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. In KUNST, M., coord. – *Origens, estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península Ibérica. Actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, p. 159-168 (Trabalhos de Arqueologia, 7).

VON DEN DRIESCH, A. E. & BOESSNECK, J. (1976) – *Die fauna vom Castro do Zambujal*. München: Institut für Palaeoanatomie, Domestikationsforschung und Geschichte der Tiermedizin der Universität München (Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel, 5).

VILAÇA, R. & CUNHA-RIBEIRO, J. P. (2008) – *Das primeiras ocupações humanas à chegada dos romanos à Beira Litoral*. Tomar: Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo (Arkeos, 23).